

# A TRADUÇÃO É DESDE SEMPRE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE TEORIA E HISTÓRIA DA TRADUÇÃO<sup>1</sup>

Paulo Roberto OTTONI<sup>2</sup>

- RESUMO: A tradução é um acontecimento da linguagem humana que evidencia ao mesmo tempo a existência de várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas. Esta definição de dimensão desconstrutivista, por um lado, afirma que há várias línguas e que há confronto entre significados produzidos a partir destas semelhanças e diferenças. Por outro, esta definição revela o *double bind*: a possibilidade e a impossibilidade – a necessidade e a impossibilidade – da realização deste acontecimento. Assim, a teoria encarada como uma unificação sistemática e a história como uma narração metódica não conseguem dar conta deste acontecimento. Qualquer teoria ou história da tradução será sempre uma tentativa de nomear, de identificar este acontecimento no interior de uma época e de uma certa concepção de linguagem. A tradução, o traduzir, são maneiras de resistir à teoria e à história. Encarada como acontecimento, a tradução escapa a qualquer unificação sistemática e a qualquer narração metódica. As teorias e histórias da tradução são sempre construídas na tentativa de produzir um conhecimento enquanto objeto estável e possível de ser identificado e detectado ao que a tradução – acontecimento e *double bind* – se opõe e resiste.
- PALAVRAS-CHAVE: Tradução; resistência; teoria; história; *double bind*.

Mas é “tradução” de fato uma disciplina? É a sua natureza de um tipo e de uma ordem interna que uma análise teórica, e não a erudição histórica ou a descrição, possa resolver? Talvez a “tradução” não exista no abstrato. Há uma práxis tão vasta e tão variada que resiste a sua inclusão em qualquer esquema.

George Steiner, *After Babel*

---

1 Conferência proferida na Universidade de Jéidelberg – Alemanha – no Institut für Übersetzen und Dolmetschen em 10 de fevereiro de 1997.

2 Departamento de Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – Campinas – SP.

E a tradução pode tudo, exceto marcar esta diferença linguística inscrita na língua, esta diferença de sistema de línguas inscrita numa só língua, no limite ela pode fazer passar tudo, exceto isto, exceto o fato de que há num sistema linguístico, talvez várias línguas, algumas vezes, dina mesmo sempre, vânas línguas, e há impureza em cada língua

Jacques Derrida, *L'oreille de l'autre*

Tradução será considerada, nesta reflexão, como um *acontecimento* da linguagem humana que revela, ao mesmo tempo, a existência de várias línguas e as diferenças e semelhanças entre elas. Por um lado, afirmar que há várias línguas e que os significados são produzidos pela tradução, a partir das suas diferenças e semelhanças, implica afirmar também a existência de várias línguas num mesmo sistema linguístico (Derrida, 1982, p.100). Por outro lado, a tradução encarada como *acontecimento* revela o *double bind*: a possibilidade e a impossibilidade – a necessidade e a impossibilidade – da sua realização (p.102). As teorias e histórias são sempre construídas na tentativa de estabelecer e detectar a tradução enquanto um processo, possível de ser identificado, que se instala entre línguas distintas. É a este processo, que distingue somente uma língua de chegada e outra de partida como pólos opostos e não complementares, que o *double bind* se opõe e resiste.

Derrida (1979), ao questionar a traduzibilidade a partir de dois tipos de tradução, um relacionado ao clássico modelo de transporte unívoco e de uma polissemia formalizável e o outro que desemboca na disseminação, afirma que o programa político institucional da Universidade tem como objetivo, a partir da *exaustiva traduzibilidade*, o *apagamento da língua*, e continua:

O que esta instituição não suporta é que se interfira na [*toucher à*, também "mexer", "interessar-se pela"] língua, no sentido *não só* da língua *nacional*, *mas também* paradoxalmente, num ideal de traduzibilidade que neutraliza esta língua nacional. Nacionalismo e universalismo indissociáveis. O que esta instituição não pode suportar é uma transformação que não deixe intacto nenhum destes dois pólos complementares. (p.93-4)<sup>3</sup>

A manutenção destes pólos em oposição é que sustenta tanto uma teoria como uma história. A instituição não suporta uma interven-

---

3 Todas as traduções das citações são minhas, exceto as indicadas nas referências bibliográficas.

ção na língua, ou *num ideal de traduzibilidade que neutraliza esta língua nacional*; ou seja, *a transformação [tradução] que não deixa intactos nenhum destes dois pólos complementares* não distingue de modo estanque as línguas envolvidas na tradução, uma nacional e outra estrangeira, mas são encaradas como complementares. A questão da tradução é a questão da *intervenção na língua* e não um gerenciamento decorrente da necessidade de se manter as línguas envolvidas na tradução em oposição. Tradicionalmente a tradução se apóia numa teoria ou numa história, a partir de uma concepção da linguagem que faz uma distinção estanque entre duas línguas, na tentativa de manter intactos estes pólos, em oposição, e não levando em conta sua complementaridade.

De Man (1989), ao discutir a relação entre o saber, o ensino e a teoria literária, coloca a questão da linguagem da seguinte maneira:

A resistência à teona é uma resistência à utilização da linguagem sobre a linguagem. Quando nos referimos a uma coisa chamada "linguagem", sabemos do que estamos a falar, embora talvez não se possa encontrar na linguagem nenhuma palavra tão sobredeterminada, evasiva, desfigurada e desfigurante como "linguagem". Mesmo que optemos por considerá-la a uma distância segura de qualquer modelo teórico, na história pragmática da "linguagem", não como um conceito, mas como uma exposição didática de razões que nenhum ser humano pode iludir, depressa nos encontramos confrontados com enigmas teóricos (p 33-4)

Para prosseguir minha reflexão, vou substituir a palavra "*linguagem*" pela palavra "*tradução*". Vejamos: *quando nos referimos a uma coisa chamada "tradução", sabemos do que estamos a falar, embora talvez não se possa encontrar na linguagem nenhuma palavra tão sobredeterminada, evasiva, desfigurada e desfigurante como "tradução". Mesmo que optemos por considerá-la a uma distância segura de qualquer modelo teórico, na história pragmática da "tradução", não como um conceito ... depressa nos encontramos confrontados com enigmas teóricos.* Esta substituição ilustra a dimensão que a tradução tem nos estudos da linguagem e, assim, revela a complexidade de qualquer tentativa de sistematização tendo em vista um confronto intransponível com os *enigmas teóricos*. Ora, quando De Man afirma também que *nada pode vencer a resistência à teoria visto que a teona é em si a resistência* (p. 41), ele está afirmando que há sempre *resistência* quando se pretende uma teoria sobre a linguagem, o que vai ao encontro de uma proposta, como a que pretendo, de uma teoria-resistência da tradução encarada como *double bind*.

Ao tratar da questão da *resistência à psicanálise*, Derrida (1996) afirma que esta *resistência* é constitutiva de duas necessidades. A tradução como uma operação que se dá sobre a língua, mas ao mesmo tempo uma operação independente, desassociada da própria língua, é abalada a partir destas duas necessidades, posso afirmar assim, que a tradução, como uma forma de resistência, está no cruzamento destas duas necessidades.

A primeira necessidade é a de um *double bind*. Derrida afirma.

Toda resistência supõe uma tensão, e primeiramente uma tensão interna Mas uma tensão puramente interna sendo impossível, trata-se de uma inerência absoluta do outro ou de fora na tensão mais interna e auto-afetiva O *double bind* é o que não dá lugar, enquanto tal, nem à análise, nem à síntese, nem à análise, nem à dialética Ele provoca ao infinito e ao analítico e ao dialético, mas é para lhes resistir *absolutamente* (p 40)

Na segunda necessidade devemos, segundo ele, *pensar esta resistência como restância (resistance) do resto, isto é, de maneira não simplesmente ontológica (nem analítica, nem dialética)* (p.40). Derrida, em seguida, argumenta que:

Este *double bind*, esta dupla imposição inanalizável da análise está presente no caso de todas as figuras ditas do indecível que são impostas sob os nomes de *pharmakon*, de suplemento, de hímen, de diferença [*différance*], e de um grande número de outros que trazem em si predicados contraditórios ou incompatíveis entre si (p 44)

Esta argumentação de Derrida vai ao encontro de uma postura que sustenta a complementariedade dos dois pólos (nacional e universal) e põe em questionamento as dicotomias analítico e dialético, análise e síntese, enquanto uma concepção ontológica que sustenta, nos estudos da tradução, estes dois pólos, complementares, em oposição Ao encararmos uma língua nacional e a outra, a estrangeira, como complementares, estamos evidenciando a questão da língua e assim os pólos (nacional e universal) não podem mais se manter intactos.

As questões levantadas por De Man sobre as dificuldades de se pensar a possibilidade de uma teonzação da linguagem-tradução, somadas à posição de Derrida que associa o *double bind* à resistência à análise, permitem a afirmação de que a tradução é desde sempre *resistência* A tradução, encarada deste modo, pressupõe uma transformação que justamente não deixe intacto nenhum dos dois pólos complementares, necessários para a sobrevivência da instituição. Esta transformação não se define de maneira estanque, mas em uma tensão,

em uma dupla imposição que produz significados a partir das diferenças e semelhanças entre as línguas envolvidas na tradução, como evidência a existência de várias línguas em um mesmo sistema lingüístico. Como pensar, então, em uma teoria ou em uma história sem os limites do nacional e do universal (língua materna e língua estrangeira) sem deixar intacto um dos pólos exigidos pela instituição?

A partir desta postura questionarei três estudiosos da tradução: Steiner (1975), Bassnett-McGuire (1980) e Berman (1984) que, na procura de estabelecer parâmetros para uma teoria ou uma história da tradução, explicitam, em parte, nas suas argumentações, o que estou chamando de *resistência*. Ou seja, a tradução como resistência intervém na língua, ao mesmo tempo na língua nacional e paradoxalmente, *num ideal de traduzibilidade que neutraliza esta língua nacional* (Derrida, 1979); daí o confronto com os *enigmas teóricos*.

Steiner (1975), no capítulo *The claims of theory*, faz um entrelaçamento da história e da teoria da tradução que reflete uma maneira de se pensar a tradução como um comprometimento entre duas línguas, por meio da fidelidade. Ele pergunta:

Pode-se argumentar que todas as teorias de tradução – formais, pragmáticas, cronológicas – são apenas variantes de uma única e eterna questão. Como se pode ou se deve atingir a fidelidade? Qual é a correlação privilegiada entre o texto A na língua de partida e o texto B na língua de chegada? Esta questão tem sido discutida há mais de dois mil anos. (p.275)

E mais à frente, mesmo admitindo os estudos da tradução somente como descritivos e taxonômicos, segundo ele, surgem ainda dificuldades:

Mas mesmo se partimos de uma visão modesta, e mesmo se consideramos o estudo da tradução descritivo-taxonômico em vez de verdadeiramente teórico (“teórico” no sentido de ser generalizado pela intuição, predição e falseabilidade por uso de contra exemplo) surgem graves dificuldades. (p.288)

Ao concluir este capítulo, ele chama a atenção para a possibilidade da existência de um depósito, de um armazenamento de várias línguas que coexistem numa mesma mente, e questiona, a partir daí, a existência de uma teoria de tradução. *Não sabemos praticamente nada a respeito da organização e do armazenamento de diferentes línguas que coexistem numa mesma mente. Como então pode existir, no sentido rigoroso do termo, uma “teoria de tradução”* (p.309)? E ao iniciar o

capítulo no final do seu livro, que trata de *Topologies of Culture*, Steiner alerta que os problemas epistemológicos e lingüísticos fundamentais da tradução de uma língua para outra já estão contidos no discurso que trata de uma só língua. Ele afirma:

Ao longo deste livro argumentei que uma “teoria de tradução” (segundo a concepção “inexata” e não sistemática que procurei dar a este conceito) é necessariamente uma teoria, ou melhor, um modelo histórico-psicológico, em parte dedutivo e em parte intuitivo das próprias operações da linguagem. (p. 436)

Para ele, uma teoria seria assim um modelo histórico-psicológico, em parte dedutivo e em parte intuitivo, das próprias operações da linguagem. À medida que se procura propor qualquer teoria de tradução, emergem sempre outras questões; mesmo consciente das dificuldades há sempre o desejo de se chegar de maneira conclusiva a uma identificação, a uma estabilidade do objeto de estudo.

Steiner agrupa as obras sobre a teoria, a prática e a história da tradução em quatro períodos<sup>4</sup> na tentativa de estabelecer um estudo da tradução a partir de um objeto de análise, de um processo que possa ser detectado empiricamente. A tradução constata a existência de diferenças e semelhanças entre as línguas, o que não pode ser fixado enquanto objeto de análise. Por isso a inquietação constante de Steiner ao questionar, no sentido preciso do termo, uma teoria da tradução que possa, de certo modo, justificar sua periodização *cujas linhas de demarcação não têm, entretanto, nada de absoluto* (p. 248).

Bassnett-McGuire (1980), na sua análise da *History of Translation Theory*, critica a divisão proposta por Steiner em quatro períodos, e afirma:

Sua divisão em quatro partes é, para dizer o mínimo, altamente idiossincrática, mas isso não consegue evitar uma grande armadilha: periodização, ou compartimentalização da história literária. É virtualmente impossível dividir períodos utilizando datas; como Lotman observa, a cultura humana é um sistema dinâmico. (p. 41)

---

4 Estes períodos, resumidamente, estão assim divididos: o primeiro caracteriza-se por uma orientação essencialmente empírica e vai de Cícero (46 a.C.) até Hölderlin (1804). O segundo tem preocupações teóricas e uma postura filosófica e hermêutica no contexto das teorias da linguagem e inclui, entre outros, pensadores como Schleiermacher, Schlegel, Humboldt, Paul Valéry, Ezra Pound, Walter Benjamin e vai até 1946. O terceiro período inicia com as reflexões sobre as máquinas de traduzir na década de 40 e discute as teorias lingüísticas e as suas aplicações na tradução. O quarto período, paralelamente com o anterior, retoma as preocupações hermenêuticas e filosóficas, e a tradução passa a abarcar várias outras áreas do conhecimento (cf. Steiner, 1975, p. 248-51).

A autora reorganiza esta história numa cronologia que associa dados históricos da literatura e de uma história geral partindo da hipótese de que é impossível dividir em períodos estanques as questões da linguagem humana. Entretanto, produz uma outra cronologia e períodos históricos e evidencia uma preocupação em produzir um conhecimento sobre a tradução da mesma maneira que se produzem e acumulam os conhecimentos das outras disciplinas relacionadas à linguagem. A tradução traz em si uma tensão que resiste a sua fixação em períodos estanques, daí as múltiplas possibilidades de formalização teórica e histórica.

A autora justifica a sua divisão histórica afirmando o seguinte:

Tentando estabelecer algumas maneiras de abordagem para a tradução, no decorrer de um período que vai de Cícero até o presente, parece melhor lançar mão de uma estrutura cronológica frouxa, mas sem fazer qualquer esforço para estabelecer divisões precisas. Por isso, ao invés de tentar falar o que deveria inevitavelmente ser em termos muito gerais um conceito de tradução específico da "Renasença" ou "Classicismo", tentei seguir *maneiras de abordagem* que podem ou não ser facilmente localizadas num contexto temporal (p. 42)

Propõe, então, a seguinte classificação: *Os romanos, A tradução da Bíblia, Educação e o vernáculo. Primeiros teóricos. A Renasença, Século XVII, Século XVIII, Romantismo, Pós-Romantismo, Os vitorianos, Arcaizantes, Século XX* (p.39-75).

Ao comentar suas "*maneiras de abordagem*", Bassnett-McGuire afirma. "*A partir deste breve esboço, podemos ver claramente que diferentes conceitos de tradução prevalecem em diferentes épocas, e que a função e o papel do tradutor se alteraram radicalmente* (p.74)". Esta afirmação chama a atenção para a ligação entre *diferentes conceitos de tradução e diferentes épocas*, que implicam *função e papel do tradutor* radicalmente alterados. Se pensarmos que a autora só pode fazer este tipo de afirmação partindo de um modelo de conhecimento sobre a linguagem que pressupõe a possibilidade de explicação e descrição coerentes dos fatos analisados mesmo que ainda estejam em andamento, e se encarmos a tradução como resistência, sua divisão não difere daquela proposta por Steiner.

Berman (1984) faz o seguinte comentário sobre a história da tradução:

Fazer a história da tradução é redescobrir pacientemente a rede cultural infinitamente complexa e desorientadora na qual, em cada época, ou em cada espaço diferente, ela se encontra presa. E fazer do saber histórico assim obtido uma abertura para nosso *presente*. (p.14)

E quanto à existência de uma teoria, ele afirma:

Há para a teoria da tradução um campo de pesquisa fecundo, com a condição que ultrapasse o quadro demasiado estreito da transtextualidade e seja unido aos trabalhos sobre as línguas e as culturas em geral. Um campo multidisciplinar no qual os tradutores poderão frutuosamente trabalhar com os escritores, as teorias literárias, os psicanalistas e os lingüistas. (p.24)

A posição de Berman, mesmo explicitando as dificuldades que ele encontra para produzir uma história ou uma teoria de tradução, é a de idealizar a possibilidade de se *fazer da história da tradução uma abertura para nosso presente* e da teoria de tradução *um campo de pesquisa profundo*. Uma visão de certa forma positiva do processo de estudo e do conhecimento sobre a linguagem, ou seja, sempre haverá algo a se fazer nos estudos sobre a tradução, junto com outras áreas, para que a pesquisa e o saber possam avançar. Se, por um lado, Berman dá sinais da possibilidade de se produzir uma história e uma teoria da tradução, por outro, revela, implicitamente, a tradução como uma forma de resistir a qualquer reflexão de natureza ontológica.

Derrida (1985), ao afirmar que a tradução é necessária e impossível, revela o *double bind* e, assim, redimensiona qualquer tentativa de demonstração teórica ou histórica. Ele afirma:

observemos um dos limites das teorias de tradução: elas tratam muito frequentemente das passagens de uma língua para outra e não consideram muito a possibilidade de duas ou mais línguas estarem implicadas num texto. Como traduzir um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo? Como "restituir" o efeito de pluralidade? E se traduzirmos várias línguas ao mesmo tempo, podemos chamar isto traduzir? (p.215)

Recoloco a hipótese que sustento neste texto de que a tradução, enquanto um *acontecimento* que revela o *double bind*, deflagra a língua; quero dizer que há língua, e que há, em línguas diferentes, ou numa mesma língua, diferenças e semelhanças. A tradução é *acontecimento*, uma transformação que põe em evidência a própria língua, impossibilitando assim qualquer tentativa de sistematização, perturbando qualquer tentativa de *apagamento da língua*.

A tradução, como *acontecimento*, coloca dificuldades para se recortar um período histórico e identificar fatos que produzam um saber sistemático e metódico sobre a língua. Por meio do *double bind* a tradução evidencia a complementaridade entre os pólos nacional e universal (entre língua materna e língua estrangeira) envolvendo as várias lín-



guas. Quero dizer que se há a possibilidade de se refletir sobre a concepção de tradução de um determinado período ou teoria, esta reflexão deve evidenciar as tensões subjacentes às concepções de língua-linguagem e não partir de uma concepção de tradução que pressupõe um processo universal, transcendente, independente da língua-linguagem, que possa ser identificado num período e a partir de uma teoria. Ou seja, a tradução, ao impor a língua, abala os pólos nacional e universal, e assim resiste a qualquer tentativa de determinação e sistematização histórica e teórica como formas de neutralizar, de apagar a língua.

OTTONI, P. R. Translation as permanent resistance: reflections on theory and history of translations. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.159-168, 1997.

- *ABSTRACT: Translation is an event in human language that simultaneously makes evident the existence of several languages and the differences and similarities among them. Such definition of a deconstructivist approach, on one hand states that there are several languages and that there is a confrontation among the meanings derived from their similarities and differences. On the other hand, this definition reveals the double bind: the possibility and impossibility – both necessary and impossible – of such an event. Thus, theory, understood as a systematic unification, and history, taken as a methodical narrative, are not capable of coping with this event. Any theory or history of translation will always be an attempt to name, to identify an event within the limits of a period and of a specific view of language. Translation, the act of translating, is a way of resisting theory and history. Translation, understood as an event, escapes any systematic unification or methodical narrative. The theories and history of translation are always built up in order to produce a certain knowledge as a stable object that can be identified and detected which the translation – event and double bind – opposes and resists.*
- *KEYWORDS: Translation; resistance; theory; history; double bind.*

## **Referências bibliográficas**

- BASSNETT-McGUIRRE, S. *Translation Studies*. London: Methuen, 1980.
- BERMAN, A. *L'épreuve de l'étranger – Culture et traductions dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.
- DE MAN, P. *A resistência à teoria*. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

- DERRIDA, J. LIVING ON: *Border Lines*. Transl. by James Hulbert. In: HARTMAN, G. (Org.) *Deconstruction & Criticism*. New York: The Seabury Press, 1979. p.75-176.
- \_\_\_\_\_. *L'oreille de l'autre*. Montréal: VLB Editeur, 1982.
- \_\_\_\_\_. Des Tours de Babel. In: \_\_\_\_\_. *Difference in Translation*. London: Cornell University Press, 1985. p.209-48.
- \_\_\_\_\_. *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Éditions Galilée, 1996.
- STEINER, G. *After Babel* – (Aspects of Language & Translation). New York: Oxford University Press, 1975. (2.ed., 1992).